

Fraseologia e Tradução: a prática tradutória de expressões idiomáticas em um dicionário semibilíngue¹

Phraseology and Translation: the translation practice of idioms in a semi-bilingual dictionary

Ana Karla Pereira de Miranda²

Resumo: As línguas não são compostas de elementos isolados, mas sim de elementos que formam cadeias que se combinam entre si. As palavras não caminham sozinhas, elas formam associações que, muitas vezes, podem resultar de difícil compreensão (MOLINA, 2006). As expressões idiomáticas (EIs) fazem parte dessa língua dinâmica e, apesar de muito usadas, são pouco estudadas no Brasil. Assim, defende-se que elas mereçam atenção e um tratamento lexicográfico sistematizado, pois essas unidades, além de serem extremamente usuais, podem causar certa dificuldade à compreensão de uma língua estrangeira, seja ela oral ou escrita. Neste estudo, pesquisa-se um tipo de unidade fraseológica, as EIs. Nesse sentido, é objetivo deste artigo discutir como foi realizada a tradução das EIs que compõem um dicionário semibilíngue (MIRANDA, 2014). Ao demonstrar como se deu o processo de tradução das EIs, acredita-se contribuir para futuras pesquisas que também contrastem unidades fraseológicas de duas ou mais línguas.

Palavras-chave: Fraseografia; Expressões idiomáticas; Tradução; Português; Espanhol.

¹ Este trabalho é uma adaptação dos capítulos teóricos e metodológico da dissertação de mestrado de MIRANDA (2013). A pesquisa contou com bolsa do Programa de Assistência ao Ensino de Pós-Graduação do Programa de Reestruturação das Instituições Federais de Ensino Superior (Reuni).

² Professora adjunta do Curso de Letras Português-Espanhol, modalidade presencial e a distância, da Faalc/UFMS. E-mail: ana.miranda@ufms.br

Abstract: Languages are not composed of isolated elements, but of elements that form chains that combine with each other. Words do not flow alone, they form associations, which can often result in difficulty in understanding (MOLINA, 2006). Idioms take part in this dynamic language and although they are commonly used, they are not often studied in Brazil. Thus, we argue that idioms deserve attention and a systematic lexicographical treatment, because these units, in addition to being extremely frequent, can cause difficulty in understanding a foreign language, whether oral or written. In this study, we investigate one type of phraseological unit: idioms. In this sense, this paper aims to discuss how the translation of idioms that make up a semi-bilingual dictionary (MIRANDA, 2014) was performed. By demonstrating the process of translation of idioms that make up, we believe to be contributing to future studies that also contrast phraseological units of two or more languages.

Keywords: Phraseography; Idioms; Translation; Portuguese; Spanish.

Introdução

Quando um indivíduo fala ou escreve, ele se sente livre, pois, aparentemente, falamos o que queremos e como queremos (BIDERMAN, 2001). No entanto, a língua é a parte social da linguagem, que não pode ser criada nem modificada pelo indivíduo, ou seja, ela é exterior a ele (SAUSSURE, 2001). Apesar de haver liberdade para escolher as palavras, essa constatação não vale quando se trata de combiná-las, uma vez que a língua é formada por elementos que se encadeiam, formando associações que, muitas vezes, podem ser de difícil compreensão (MOLINA, 2006).

Basta pensar, por exemplo, nas combinações estáveis de palavras como *ódio mortal*, *botar a mão no fogo* e *Deus ajuda quem cedo madruga*. É perfeitamente aceitável que uma pessoa sinta um *ódio mortal* por outra, mas não seria compreensível se ela sentisse um *ódio letal*. *Botar a mão no fogo* por alguém é algo que pode ocorrer com frequência, contudo, *botar a mão na brasa* por alguém é pouco provável que aconteça. O fato de *Deus ajudar quem cedo madruga* já é conhecido da comunidade de falantes brasileiros, mas será que *Deus ajuda quem cedo acorda*?

Ódio mortal, *botar a mão no fogo* e *Deus ajuda quem cedo madruga* são unidades cristalizadas morfológica e semanticamente com diferentes graus de conotatividade. Elas são denominadas, respectivamente, de colocação, expressão idiomática e provérbio, e fazem parte de um grupo chamado

unidades fraseológicas (UFs). Tais unidades são objeto de estudo da Fraseologia e da Fraseografia³. Em linhas gerais, a Fraseologia trata da descrição e caracterização das UFs e a Fraseografia é responsável pela definição e tratamento dessas unidades em dicionários.

É objetivo deste artigo discutir como foi realizada a tradução das EIs que compõem o *Dicionário espanhol-português de expressões idiomáticas com nomes de animais* (MIRANDA, 2014, doravante DEPEINA), fruto de uma pesquisa de Mestrado⁴. Tal obra é um dicionário fraseológico semibílingue⁵ composto por 620 EIs ordenadas alfabético-semasiologicamente pela primeira palavra que constitui a expressão. As EIs que compõem esse dicionário são próprias do espanhol peninsular e usuais nessa variante, formadas com nomes de animais e acompanhadas por um correspondente em português, variante brasileira.

Este estudo justifica-se pelo fato de o léxico ser um dos níveis mais maleáveis do sistema linguístico, podendo o homem ter mais liberdade ao usá-lo. As EIs estão relacionadas a seu caráter expressivo, possibilitando ao indivíduo, falante nativo ou não de uma língua natural, demonstrar mais contundentemente sua afetividade em uma frase. Dessa forma, um estudo que visa à tradução de EIs de uma língua para outra, pode contribuir para o ensino de línguas, uma vez que oferece subsídios que permitem ao aprendiz de uma língua adicional conhecer amplamente acervo vocabular dela e se expressar mais livremente na língua-alvo.

Assim, por mais que se estude uma língua adicional, a compreensão de determinadas expressões é muitas vezes difícil para o aprendiz. Isso ocorre porque o entendimento da língua vai além da percepção de estruturas lexicais, sintáticas e semânticas, envolvendo também fatores extralinguísticos que

³ Não podemos deixar de citar a Paremiologia, que trata do estudo e análise das parêmiias (provérbios, refrões, aforismos entre outros), e a Paremiografia, responsável pelo tratamento lexicográfico de tais enunciados sentenciosos.

⁴ Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, orientada pela Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques.

⁵ O dicionário semibílingue assemelha-se a um dicionário monolíngue, uma vez que é composto de definição, explicações e exemplos na língua-alvo, contudo, além desses elementos, possui equivalentes de tradução na língua materna, assim como dicionários bilíngues. Um dicionário semibílingue espanhol-português, por exemplo, apresentará lema, definição, exemplos e explicações em espanhol, além da tradução para o português.

transcendem o universo dos livros didáticos. Nesse sentido, conforme Corpas Pastor (1996), as UFs refletem a cultura de um determinado povo. Somado a isso, Pastore (2009, p. 12) afirma que

O estudo das Els representa, pois, um relevante objeto de investigação, envolvendo a maneira como um povo se expressa e também sua cultura. Assim, se estudarmos as Els de uma língua em relação a outra, poderemos analisar e contrastar não só diferentes culturas e costumes, mas também diferentes vocabulários, estruturas e outros aspectos que são transmitidos por meio das línguas.

As Els fazem parte dessa língua dinâmica, por isso, neste artigo, defende-se que elas merecem atenção e um tratamento lexicográfico sistematizado, pois, além de serem extremamente usuais, podem causar certa dificuldade à compreensão de uma língua adicional, seja ela oral ou escrita. Ao demonstrar como se deu o processo de tradução das Els que compõem o DEPEINA, acredita-se contribuir para futuras pesquisas que também contrastem UFs de duas ou mais línguas.

Vale ressaltar que a elaboração de obras contrastivas sobre as UFs são de extrema importância para a prática tradutória, haja vista que essas unidades carregam em si dificuldades para sua tradução. O tradutor necessita, em seu trabalho, de obras que funcionem como recurso para o esclarecimento de dúvidas acerca de expressões que lhe são desconhecidas. A escolha de um dicionário apropriado pode aumentar as chances de uma consulta mais satisfatória, que vá ao encontro das necessidades do consultante. Os diversos tipos de dicionários, glossários e vocabulários estão à disposição justamente para otimizar o tempo de busca.

Este artigo está dividido em quatro seções. Inicialmente, propomos algumas considerações sobre as Els, bem como sobre o ramo da Linguística responsável por seu estudo, a Fraseologia. Na sequência, abordamos alguns aspectos teóricos relacionados à equivalência em Lexicografia e Fraseografia Bilíngue. Em seguida, expomos as ferramentas utilizadas para a tradução das Els que compõem o DEPEINA e as dificuldades encontradas durante o processo de tradução das Els. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

Sobre a Fraseologia e as EIs

São diversos os pontos de vista a partir dos quais se podem estudar as unidades léxicas (ULs) de uma língua. Pode-se observá-las pela perspectiva dos sons (Fonética e Fonologia), dos significados (Semântica), dos morfemas (Morfologia), das combinações sintagmáticas (Sintaxe) ou do uso da língua em situações comunicativas (Pragmática). Ainda, é possível estudar o léxico partindo de seus aspectos formais e significativos, por meio dos pressupostos teóricos da Lexicologia, ou ocupar-se de sua inserção e tratamento em dicionários, por uma perspectiva lexicográfica. Mesmo observando que há diversas e diferentes formas de abordar o estudo das ULs, isso não significa que haja contradições nas perspectivas supramencionadas. Cada um desses pontos de vista é uma parte de um todo e contribui para o aprofundamento de um elemento específico, para que se possa, em seguida, relacioná-lo ao todo (CAMACHO, 2008, p. 12).

A Fraseologia também contribui para o estudo das ULs de determinada língua, por meio da pesquisa, descrição e análise das lexias complexas⁶. O termo *fraseologia* pode designar tanto a disciplina que estuda as UFs quanto seu objeto de estudo, as próprias UFs. Desse modo, cabe esclarecer que, neste artigo, utiliza-se tal termo para fazer referência somente à disciplina e seu objeto de estudo é denominado UF.

As diversas pesquisas que surgiram no âmbito da Fraseologia nas últimas décadas, isto é, da última metade do século passado até o presente momento, conferiram-lhe o desenvolvimento de suas bases teóricas. Atualmente, é possível assegurar que são poucos os temas ainda não tratados por essa disciplina, devido ao extenso número de trabalhos específicos já realizados nessa área. Também, o estudo das UFs pode ser realizado de maneira interdisciplinar, tomando como base princípios teóricos da Sintaxe, à Semântica, à Pragmática, à Tradução, entre outras áreas.

No que se refere às unidades que compõem o dicionário em tela, ou seja, as EIs, considera-se que estas, por meio “[...] de sua representação metafórica, caracterizam um conceito já denominado por uma palavra dando-

⁶ Conforme Pottier (1968, 1978), a lexia complexa é uma sequência mais ou menos estereotipada de palavras em via de lexicalização.

lhe concretização e tornando-o mais expressivo” (ALVAREZ, 2000, p. 73). Assim, para expressar que alguém vive uma boa fase em sua vida, pode-se dizer que essa pessoa *está com a bola toda*, ou, para demonstrar a confiança que se tem em alguém, é possível afirmar que *botamos a mão no fogo* por ela.

A partir desses exemplos, observa-se que uma EI não difere em sua sintaxe de uma combinatória livre; no entanto, seu sentido não é previsível a partir da soma dos significados das ULs que a formam. Por exemplo, em *pagar o pato* não se quer dizer que alguém vá pagar pelo pato que consumiu. Além disso, a EI é uma combinatória cristalizada, culturalmente herdada e registrada na memória coletiva com um significado determinado (BIDERMAN, 1999, p. 94).

Em consonância com as pesquisas realizadas por Tristá Pérez (1988), Xatara (1998a) e Mejri (2002), consideram-se, neste trabalho, as EIs como lexias complexas que podem ser fixas ou semifixas, conotativas e culturalmente cristalizadas em uma comunidade linguística.

No que se refere ao seu grau de fixidez, as EIs podem possuir dois tipos de distribuição: única ou bastante restrita. Em uma EI de distribuição única, seus elementos não podem ser substituídos por outros, tampouco podem ser interpolados com outros elementos, assim diz-se *bater as botas*, mas não *bater as botinas* ou *bater as botas limpas*. Já nas EIs de distribuição bastante restrita, há escalas de variabilidade que podem diversificar-se de acordo com o grau de fixidez como, por exemplo, variação de possessivo (*tirar [o seu] da reta*) e inserção de advérbio entre o verbo e o complemento (*tirar [logo] o seu da reta*) (XATARA, 1998b).

Sobre a conotação, o significado de uma EI não corresponde à soma dos significados individuais de seus elementos, ou seja, estes adquirem um sentido único quando combinados. Assim, o significado da EI *engolir sapos* – que tem o sentido de “tolerar situações desagradáveis sem reclamar” (XATARA, 1998b) – não se origina dos significados individuais do verbo *engolir* ou do substantivo plural *sapos*, pois seus componentes não podem ser dissociados, significando outra coisa.

Diz-se que uma EI é cristalizada porque, para que seja considerada como tal, ela deve ser reconhecida dentro de uma comunidade de falantes e possuir significados estáveis, consagrados pela tradição cultural.

Na sequência, trata-se a respeito da tradução de UFs, mais especificamente, dos aspectos relativos a seu tratamento em dicionários.

Aspectos teóricos sobre a equivalência em Lexicografia e Fraseografia Bilíngue

O que diferencia o dicionário bilíngue (DB) ou dicionário semibílingue (DSB) de outros tipos de obras lexicográficas é a presença de equivalentes, que também são chamados de *equivalentes de tradução* (ADAMSKA-SALACIAK, 2010). De acordo com Zgusta (1983, p. 147), o DB deve oferecer a seu usuário uma “[...] unidade lexical real da língua-alvo que, quando em um contexto, produza uma tradução fluida”⁷, ao invés de uma paráfrase explicativa ou uma definição, o que, segundo Adamska-Salaciak (2010), significa que idealmente o verbete de um dicionário deveria oferecer equivalentes lexicais perfeitos, considerando-se um equivalente lexical como “[...] uma unidade lexical da língua-alvo que tenha o mesmo significado da respectiva unidade lexical da língua fonte”⁸ (ZGUSTA, 1971, p. 312 *apud* ADAMSKA-SALACIAK, 2010, p. 393).

Para Bogaards (1994, p. 612), equivalência é “[...] a correspondência semântica entre o significado de uma palavra na língua fonte e o significado de sua tradução na língua-alvo”⁹. Conceitualização essa que se aproxima da definição de equivalência encontrada no *Dictionary of lexicography* (HARTMANN; JAMES, 1998, p. 51 *apud* ADAMSKA-SALACIAK, 2010, p. 391): “A relação entre palavras e expressões, de duas ou mais línguas, que

7 “[...] real lexical units of the target language which, when inserted into the context, produce a smooth translation” (ZGUSTA, 1983, p. 147).

8 “[...] a lexical unit of the target language which has the same lexical meaning as the respective lexical unit of the source language” (ZGUSTA, 1971, p. 312 *apud* ADAMSKA-SALACIAK, 2010, p. 393).

9 “[...] the semantic correspondence between the meaning of a word in the source language and the meaning of its translation in the target language” (BOGAARDS, 1994, p. 612).

compartilham o mesmo SIGNIFICADO”¹⁰. Equivalente, por sua vez, é “uma palavra ou expressão de uma língua que corresponde em SIGNIFICADO a uma palavra ou expressão de outra língua”¹¹.

Para outros estudiosos, a equivalência não se estabelece na relação entre o significado de palavras, mas na relação entre os sentidos individuais das palavras. Kromann et al. (1991, p. 2717), por exemplo, propõe que a equivalência é “[...] uma relação entre os significados individuais de uma palavra lematizada e os equivalentes”¹². No entanto, Adamska-Salaciak (2010, p. 390) afirma que devemos manter a palavra, e não os sentidos individuais da palavra no centro das atenções, isso porque “Se insistirmos em fazer do sentido individual nossa unidade primária de descrição, nós corremos o risco de perder parte do quadro como um todo”¹³.

Além da equivalência semântica, Zgusta (1983) aponta que uma tradução deve oferecer a seus leitores os mesmos valores que são transmitidos pelo texto original. Dessa maneira, na visão do lexicógrafo Scholze-Stubenrecht (1995 *apud* WELKER, 2007, p. 6-7), seria desejável que houvesse equivalência também em nível:

- estilístico (mesmo registro);
- pragmático (o equivalente deve poder ser usado nas mesmas situações de comunicação);
- terminológico (um termo técnico deve ser traduzido por um termo técnico na L2);
- diacrônico (um lexema antiquado deve ser traduzido por um lexema antiquado na L2);

¹⁰ “The relationship between words or phrases, from two or more languages, which share the same” MEANING. (HARTMANN; JAMES, 1998, p. 51 *apud* ADAMSKA-SALACIAK, 2010, p. 391).

¹¹ “A word or phrase in one language which corresponds in MEANING to a word or phrase in another language” (HARTMANN; JAMES, 1998, p. 51 *apud* ADAMSKA-SALACIAK, 2010, p. 391).

¹² “[...] a relation between the individual meanings of the lemmatized word and the equivalents” (KROMANN et al. 1991, p. 2717).

¹³ “If we insist on making the individual sense our primary unit of description, we risk losing part of the big picture” (ADAMSKA-SALACIAK, 2010, p. 390).

- contextual (o equivalente deve poder ser usado nos mesmos co(n)textos);
- sintático-gramatical (o equivalente deve poder ser usado nas mesmas estruturas sintáticas, p.ex. na voz passiva);
- metafórico (uma metáfora deve ser traduzida por uma metáfora);
- etimológico (deve-se preferir equivalentes que tem a mesma origem do lexema da L1);
- de formação das palavras (política, político – ingl. politics, politician);
- de frequência (os equivalentes devem ter, nas duas línguas, o mesmo nível de frequência de uso);
- fonético-prosódico (importante em textos literários);
- diatópico (dificilmente alcançada, pois não faz muito sentido traduzir um regionalismo da L1 por um regionalismo – com conotações bem diferentes – da L2).

No entanto, como afirmado por Welker (2007), a equivalência interlínguas é possível em todos esses níveis somente em uma situação ideal e, embora o DB devesse cumprir essas exigências, dificilmente isso ocorreria, devido: à inexistência de tais equivalentes e à falta de espaço nos dicionários tradicionais (impressos); à necessidade de mais tempo e dinheiro para a confecção de obras como essas; ao lexicógrafo necessitar ter um perfeito conhecimento das duas línguas e saber que palavras correspondem perfeitamente na língua-alvo às da língua fonte, se é que elas existem.

Deve-se lembrar, também, que, de acordo com os estudos lexicográficos, entre uma língua e outra, as palavras, geralmente, não têm correspondência perfeita, ou seja, não são equivalentes perfeitos. Isso devido à existência do anisomorfismo entre as línguas, termo este que se opõe a isomorfismo, que “[...] quer dizer simetria ou paralelismo entre dois sistemas linguísticos”¹⁴ (ALCARAZ VARÓ, 2004, p. 203). Ao contrário, anisomorfismo é

¹⁴ “[...] quiere decir simetría o paralelismo entre dos sistemas lingüísticos” (ALCARAZ VARÓ, 2004, p. 203).

entendido como “[...] as diferenças na organização dos referentes e [...] outras diferenças entre línguas” (ZGUSTA, 1971, p. 294 *apud* WELKER, 2007, p. 6).

Dessa forma, pode-se afirmar que cada língua tem uma maneira particular de organizar seu léxico e que, além disso, “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e lexicais” (BIDERMAN, 2001, p. 109).

No caso mais específico da Fraseografia Bílingue (FB), busca-se também, sempre que possível, oferecer ao usuário do dicionário um equivalente idiomático para a UF. Contudo, a busca por um equivalente torna-se mais difícil na FB porque as UFs “[...] são próprias e particulares de cada língua e é difícil haver sempre um equivalente de tradução”¹⁵ (SANTAMARÍA PÉREZ, 1998, p. 308). Além disso, pensando-se que o DB idealmente deveria oferecer não só equivalentes de nível semântico, mas também equivalentes de nível estilístico, pragmático, terminológico, diacrônico, contextual, sintático-gramatical, metafórico, etimológico, de formação de palavras, de frequência, fonético-prosódico e diatópico, o trabalho do fraseógrafo bilíngue torna-se ainda mais difícil.

Iglesias Iglesias (2010) chama a atenção para a existência equivalentes (fraseológicos) sistêmicos e textuais. Conforme a referida autora (2010, p. 39), os primeiros são aqueles que encontramos nos DBs e se caracterizam por serem descontextualizados e nos quais prevalecem “[...] os aspectos formais e/ou léxicos de uma unidade fraseológica e, portanto, seu significado denotativo”¹⁶. Nos equivalentes fraseológicos textuais, “[...] o que realmente importa é a função comunicativa da unidade fraseológica em um (con)texto determinado, de tal forma que os aspectos formais e/ou léxicos costumam ser deixados num plano absolutamente secundário”¹⁷.

¹⁵ “[...] son propias y particulares de cada lengua y es difícil hallar siempre un equivalente de traducción” (SANTAMARÍA PÉREZ, 1998, p. 308).

¹⁶ “[...] los aspectos formales y/o léxicos de una unidad fraseológica y, por tanto, su significado denotativo (IGLESIAS IGLESIAS, 2010, p. 39)”.

¹⁷ “[...] lo que realmente importa es la función comunicativa de una unidad fraseológica en un (con)texto determinado, de tal forma, que los aspectos formales y/o léxicos suelen quedar relegados a un plano absolutamente secundario (IGLESIAS IGLESIAS, 2010, p. 39)”.

Ainda segundo Iglesias Iglesias (2010, p. 39), “Mellado Blanco (2010) insiste nas inter-relações existentes entre a equivalência sistêmica e textual”¹⁸, e, assim, na necessidade de pesquisar partindo do nível textual, por meio da análise de grandes *corpora* textuais, para poder examinar como se comportam as UFs dentro deles. Essa afirmação de Mellado Blanco remete aos estudos de Hartmann (1994) sobre o uso de *corpora* textuais comparados na seleção de equivalentes para o DB. Para Hartmann (1994, p. 291), o uso de *contrastive textology* e de análise textual comparada auxiliada por computador pode beneficiar o lexicógrafo bilíngue na busca de equivalentes, pois em um *corpus* textual as palavras ou expressões são encontradas em seu contexto de uso, o que facilita a recolha de equivalentes mais precisos. Além disso, como em diferentes contextos as palavras adquirem significados distintos, esse tipo de trabalho ajuda o lexicógrafo bilíngue a compreender como as palavras se comportam dentro de um texto.

A seguir, discute-se como se deu a prática tradutória de EIs no dicionário semibílingue.

A tradução das EIs que compõem o DEPEINA

Para traduzir as EIs que compõem o dicionário, foi necessário recorrer tanto a obras lexicográficas gerais quanto a dicionários fraseológicos, bem como a ferramentas da *web*, que são dicionários on-line, ferramentas de tradução, *corpora* comparados de tradução e fóruns de dúvidas. Assim, com a intenção de traduzir as unidades, utilizou-se:

dicionários gerais da língua portuguesa Aulete Digital (AULETE; VALENTE, s/d), Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0 (FERREIRA, 2004) e Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0 (HOUAISS, 2009);

- dicionários fraseológicos Dicionário Onomasiológico de Expressões Idiomáticas Usuais na Língua Portuguesa do Brasil (RIVA, 2009) e o Novo PIP (XATARA; OLIVEIRA, 2008). O primeiro é um dicionário monolíngue do português do Brasil e o

¹⁸ “Mellado Blanco (2010) insiste en las interrelaciones existentes entre la equivalencia sistémica y textual (IGLESIAS IGLESIAS, 2010, p. 39)”.

segundo é um DSB, português-francês / francês-português, de provérbios, idiomatismos e palavrões frequentes no português do Brasil e no francês da França;

- dicionários on-line Wordreference (<http://www.wordreference.com/>), Reverso Dicionário (<http://diccionario.reverso.net/>), Dictionnaire d'expressions idiomatiques (http://cnrtl.fr/dictionnaires/expressions_idiomatiques/) e Dicionário inFormal (<http://www.dicionarioinformal.com.br/>)¹⁹;
- a ferramenta de tradução Linguee (<http://www.linguee.pt/portugues-ingles/page/about.php?source=auto>);
- o corpus comparado de tradução Compara (<http://www.linguateca.pt/COMPARA/>);
- o buscador Google;
- a colaboração de informantes anônimos através de fóruns da web (<http://forum.wordreference.com/>).

Retomando as palavras de Santamaría Pérez (1998), como as UFs são próprias e particulares de determinada língua, nem sempre é fácil encontrar um correspondente para elas em outro idioma, sendo essa a maior dificuldade encontrada nesta pesquisa no que se refere à tradução.

A utilização de dicionários da língua francesa e inglesa, bem como de *corpora* e ferramentas de tradução da língua inglesa, em nossa prática tradutória, justifica-se pelo fato de que, muitas vezes, ao não encontrar um equivalente da EI espanhola em português, buscava-se seu equivalente em francês ou inglês para, a partir daí, propor uma tradução em português. Dessa forma, o conhecimento dessas outras línguas foi essencial. Pode-se citar, como exemplo, o caso das EIs sinônimas *mosca muerta* e *mosquita muerta*. Para chegar à *santo/santinho do pau oco*, primeiro encontramos a EI francesa *être*

¹⁹ O *Dicionário inFormal* é um dicionário que se constrói com a estrutura de um fórum, pois nele as entradas são definidas por seus usuários.

*une sainte nitouche*²⁰, para, em seguida, estabelecer a tradução para o português. Semelhantemente, para chegar à *pé no saco* da *El mosca cojonera*, primeiro encontrou-se o equivalente da língua inglesa, *pain in the ass*.

Nos casos em que não se encontrou um equivalente idiomático em português, elaborou-se uma proposta de tradução. Por exemplo, para a *El bestia negra*, foram propostos como tradução os substantivos *arqui-inimigo*, *arquirrival*, uma vez que essas ULs correspondem semanticamente à *El* espanhola.

Além desses métodos, utilizou-se o *Google* do Brasil para verificar se as traduções propostas eram frequentes e, por vezes, esse buscador auxiliou até mesmo a encontrar traduções, como, por exemplo, no caso das *Els* espanholas formadas por estruturas comparativas. Para encontrar a tradução da *El más puta que las gallinas*, inseriu-se na caixa de pesquisa do *Google* brasileiro a seguinte frase, “mais puta que *”. Dessa forma, pode-se observar as comparações que eram realizadas em português e que possuíam o mesmo significado da *El* espanhola, chegando-se às traduções *mais puta que uma puta (de bordel)* e *mais puta que uma prostituta*.

O *Google* também serviu para testar se traduções literais de *Els* espanholas eram também correspondentes idiomáticos em português. Esse é o caso da *El piel de gallina*, que significa “pele humana com o aspecto da pele de uma ave despenada, causado pelo frio ou alguma emoção”. Por meio do referido buscador, encontrou-se a tradução *pele de galinha*, que além de ser um correspondente literal, é um correspondente idiomático da *El* espanhola.

Considerações finais

Foi objetivo deste artigo discutir como foi realizada a tradução das *Els* que compõem a nomenclatura de um dicionário semibilíngue. Para tanto, recorreu-se à fundamentação teórica dos estudos em Fraseologia, Lexicografia e Fraseografia Bilíngue como forma de embasar a prática tradutória experimentada em tal obra.

²⁰ Em francês, a *El être une sainte nitouche* refere-se somente a mulheres.

Teve-se como auxílio o uso de dicionários impressos e, principalmente, de dicionários em mídia virtual e da *web*. Dicionários de mídia virtual permitem buscas que não são possíveis em dicionários impressos como, por exemplo, a busca reversa. Tal modalidade possibilita ao lexicógrafo/fraseógrafo encontrar uma unidade a partir de sua definição, oportunizando, assim, maiores chances de ser afortunado em sua pesquisa. Além disso, a *web* é uma potencial colaboradora para a tradução de UFs, visto que muitas dessas unidades não se encontram registradas em dicionários e esse meio registra a língua corrente de diferentes países. Além disso, é na *web* que estão disponíveis *corpora* comparados, ferramentas de tradução e informantes anônimos em fóruns.

Acredita-se que, ao expor como o trabalho de tradução foi realizado na referida obra, as dificuldades enfrentadas e como estas foram solucionadas, contribui-se para futuras pesquisas que visem à tradução de UFs.

Referências

ADAMSKA-SALACIAK, A. Examining equivalence. **International Journal of Lexicography**, v. 3, n. 4, 23 jul. 2010. Disponível em: <<https://academic.oup.com/ijl/article-lookup/doi/10.1093/ijl/ecq024>> Acesso em: 22 dez. 2020.

ALCARAZ VARÓ, H. Anisomorfismo y lexicografía técnica. In: **Las palabras del traductor**. Actas del II Congreso “El español, lengua de traducción”. 2004, Toledo. p. 201-219. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/LENGUA/esletra/pdf/02/021_alcaraz.pdf> Acesso em: 22 dez. 2020.

ALVAREZ, M. L. O. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba**: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. 2000. 334f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BIDERMAN, M^a T. C. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, M^a T. C. Conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, M. (org). **Palavra**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 81-97.

BOGAARDS, P. Synonymy and bilingual lexicography. In: **EURALEX**, 1994. p. 612-618. Disponível em: <https://euralex.org/elx_proceedings/Euralex1994/69_Euralex_Paul%20Bogaards%20-%20Synonymy%20and%20Bilingual%20Lexicography.pdf> Acesso em: 22 dez. 2020.

- CAMACHO, B. F. **Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá**. 2008, 167f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2008.
- CORPAS PASTOR, G. La fraseología en los diccionarios bilingües. *In*: ALVAR EZQUERRA, M. (coord.). **Estudios de historia de la lexicografía del español**. Málaga: Universidad de Málaga, 1996. p. 167-182.
- HARTMANN, R. R. K. The use of parallel text corpora in the generation of translation equivalents for bilingual lexicography. *In*: **EURALEX**, 1994. p. 291-297. Disponível em: <<https://euralex.org/publications/the-use-of-parallel-text-corpora-in-the-generation-of-translation-equivalents-for-bilingual-lexicography/>>. Acesso em: 22 dez. 2020.
- HARTMANN, R. R. K. e JAMES, G. **Dictionary of Lexicography**. London: Routledge, 1998.
- IGLESIAS IGLESIAS, N. Algunas reflexiones en torno a la equivalencia fraseológica interlingüística. *In*: MELLADO BLANCO, C. *et al.* (eds.). **La fraseografía del S. XXI: nuevas propuestas para el español y el alemán**. Berlín: Frank & Timme, 2010. p. 37-44. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=f0DPixwVb0gC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 22 dez. 2020.
- KROMANN, H.-P., RIIBER, T. e ROSBACH, P. Principles of bilingual lexicography. *In*: Hausmann, F. J., et al. (eds). **Wörterbücher/ Dictionaries/Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. An International Encyclopedia of Lexicography. Encyclopédie internationale de lexicographie**. v. 3. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991. p. 2711-2728.
- MEJRI, S. Le figement lexical: nouvelles tendances. **Cahiers de lexicologie**, 80, p. 213-225, 2002.
- MELLADO BLANCO, C. *et al.* (eds.). **La fraseografía del S. XXI: nuevas propuestas para el español y el alemán**. Berlín: Frank & Timme, 2010. p. 37-44. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=f0DPixwVb0gC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 22 dez. 2020.
- MIRANDA, A. K. P. **Dicionário espanhol-português de expressões idiomáticas com nomes de animais**. Curitiba: Appris, 2014.
- MIRANDA, A. K. P. **Com a pulga atrás da orelha: dicionário espanhol-português de expressões idiomáticas com nomes de animais**. 2013. 236f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.
- MOLINA, D. **Fraseología bilingüe: um enfoque lexicográfico-pedagógico**. Granada: Editorial Comares, 2006.

PASTORE, P. C. F. **A simbologia dos animais em expressões idiomáticas inglês-português**: uma proposta lexicográfica. 2009, 218f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

POTTIER, B. **Linguística geral**: teoria e descrição. Trad. Walmirio Macedo. Rio de Janeiro: Presença, Universidade Santa Úrsula, 1978.

POTTIER, B. **Presentación de la lingüística**: fundamentos de una teoría. Trad. Antonio Quiles. Madrid: Ediciones Alcalá, 1968.

SANTAMARÍA PÉREZ, M^a I. El tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe. **Estudios de lingüística**. Universidad de Alicante. n. 12. 1998, p. 299-318.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 23. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

SCHOLZE-STUBENRECHT, W. Äquivalenzprobleme im zweisprachigen Wörterbuch. **Germanistische Linguistik**, v.127-128, p. 1-16, 1995.

TRISTÁ PEREZ, A. M^a. **Fraseología y contexto**. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

WELKER, H. A. Sobre lexicografia e tradução. **Horizontes de Linguística Aplicada**. Vol. 6, n. 1. 2007. p. 132-148. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/27458>> Acesso em: 22 dez. 2020.

XATARA, C. M. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês**. Araraquara, 1998a, 253f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998

XATARA, C. M. Tipologia das expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, n. 42, p. 169-176, 1998b.

ZGUSTA, L. Translation equivalence in the bilingual dictionary. In: **EURALEX**, 1983. p. 147-154. Disponível em: <[https://euralex.org/wp-content/themes/euralex/proceedings/Euralex%201983/024_Ladislav%20Zgusta%20\(Urbana-Champaign,%20Illinois\)%20-%20Translational%20equivalence%20in%20the%20bilingual%20d.pdf](https://euralex.org/wp-content/themes/euralex/proceedings/Euralex%201983/024_Ladislav%20Zgusta%20(Urbana-Champaign,%20Illinois)%20-%20Translational%20equivalence%20in%20the%20bilingual%20d.pdf)> Acesso em: 22 dez. 2020.

ZGUSTA, L. **Manual of Lexicography**. The Hague: Mouton, 1971.

Referências de dicionários

AULETE; VALENTE. **Aulete digital**. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em:
Acesso em: 22 dez. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**.
Curitiba: Positivo Informática, 2004.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0**. Editora
Objetiva, 2009.

REVERSO DICIONÁRIO. Disponível em: <<http://dicionario.reverso.net>>. Acesso em: 22 dez.
2020.

RIVA, Huéinton Cassiano. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais
na língua portuguesa no Brasil**. 2009, 311p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos).
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do
Rio Preto, 2009.

WORDREFERENCE. Disponível em: <<http://www.wordreference.com/>>. Acesso em: 22 dez.
2020.

XATARA, C. M. **Dictionnaire d'expressions idiomatiques**. Disponível em:
<http://cnrtl.fr/dictionnaires/expressions_idiomatiques/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

XATARA, C. M.; OLIVEIRA, W. L. **Novo PIP**: dicionário de provérbios, idiomatismos e
palavrões em uso. 2. ed. São José do Rio Preto: Editora Cultura, 2008.

Recebido em: 24-10-2020

Aprovado em: 18-12-2019